

Flutuação do Acento em Palavras Produzidas por Falantes Nativos do Português Brasileiro

Aline BENEVIDES (USP)

A finalidade desta pesquisa é verificar o condicionamento e/ ou o estímulo da flutuação do acento em palavras produzidas por alguns falantes nativos do Português Brasileiro (PB). O corpus é constituído por um conjunto de palavras, cuja pronúncia apresenta variação sendo considerada pelos gramáticos como fora da chamada norma culta, como em

Entre as diversas teorias que tentam explicar a realização do acento regular em português, que se contradizem em partes, fundamentalmente todos os teóricos admitem a realização nas três sílabas a partir da margem direita da palavra. Diferente de outras línguas, como o francês, em que a colocação acentual é marcada sempre na última sílaba, o acento em português não é totalmente previsível.

Na literatura do PB, segundo Ferreira Netto (2007), as três principais hipóteses para a atribuição do acento regular são:

- Hipótese do Acento Livre - previamente definido no léxico (Câmara Jr. 2001);
- Hipótese do Molde Trocaico - definido pela característica rítmica padrão (Bisol, 1992);
- Hipótese do Acento Morfológico - definido pela qualidade do morfema portador (Lee, 1995).

De acordo com a primeira proposta, teríamos uma falha lexical em decorrência do desconhecimento acentual. Enquanto que, na segunda e na terceira propostas, centenas de palavras são englobadas na excepcionalidade, isto é, todas as proparoxítonas e algumas paroxítonas e oxítonas. Essas são denominadas pelos autores de casos extramétricos ou marcados, respectivamente, o que deixa de ser exceção.

O estudo realizado por Araújo et al (2007) demonstra que as proparoxítonas não devem ser consideradas exceções, posto que apresentam a mesma regularidade de entrada na língua que as paroxítonas ou as oxítonas. Além disso, os processos que reduziriam as proparoxítonas em paroxítonas, como a síncope ou a apócope, não podem afetar todas as palavras por gerar palavras agramaticais, como * e *

Como verificamos essas teorias não conseguem esclarecer a regularidade do acento primário no PB, uma vez que nesse corpus uma série de palavras seria compreendida na extrametricidade ou na marcação lexical.

Adotarei agora a Teoria da Frequência de Uso da Joan Bybee (2001) que prediz que: todas as palavras devem ser tratadas igualmente; a frequência de uso está relacionada com a facilidade no acesso das palavras; os padrões acentuais, flexionais e derivacionais são obtidos a partir de uma estrutura de armazenamento que os envolve na nossa teia lexical, sendo estendidos para palavras de baixa frequência e aos novos itens lexicais, formando teias de conexões fonológicas ou morfológicas por meio de processos analógicos.

Nesta pesquisa, a frequência de tipo está relacionada com a restrição a margem de três sílabas do PB, que gera as tonicidades oxítonas, paroxítonas e proparoxítonas, como padrão acentual e as entradas lexicais das palavras, ou seja, a entrada no dicionário, enquanto que, a frequência de ocorrência refere-se à frequência de uso de cada uma delas. Considero a frequência segundo "A Frequency Dictionary of Portuguese" de Davies e Preto-Bay (2008).

O primeiro argumento para adoção de tal teoria é que diferente de outros modelos teóricos que postulam regras simbólicas para explicar as regularidades, enquanto que as irregularidades são listadas no léxico, o Modelo de Redes adotado por Bybee (2001) propõe que a frequência de tipo explica a alta frequência das regularidades em oposição às irregularidades. Dessa maneira, teremos todas as palavras tratadas igualmente, sem distinguir as oxítonas, das paroxítonas ou das proparoxítonas, e, principalmente, sem tratá-las como

casos extramétricos ou marcados.

Além disso, a teoria constata que o processo de redução está relacionado ao uso, já que as palavras de alta frequência sofrem mais reduções, ou melhor, estão mais sujeitas a processos fonológicos do que as palavras de baixa frequência.

O segundo fato a ser observado é que diferente das teorias gerativas que postulam uma gramática interna e universal, segundo a qual todas as pessoas possuem uma faculdade de linguagem, que está presente em nossa mente/ cérebro e que é uniforme para todos os indivíduos, na Teoria de Uso, os padrões fonológicos são automáticos devido a sua prática. Há limitação dos possíveis sons a serem produzidos, determinado pelo aparelho fonador. É uma limitação intrínseca a todos os homens, entretanto, tem-se um grande número de fonemas possíveis de ser articulados. A aquisição dos padrões fonológicos é individual, cada indivíduo constrói a sua fonologia sendo limitado pelos fonemas e alofones permitidos na língua. É por meio do uso que apresentará variação, estará sujeito a processos fonológicos e mudanças.

Em um estudo do Antigo Inglês, a partir de Phillips (apud Bybee, 2001), Bybee (2001) demonstra que a frequência influencia a aquisição de determinadas formas. Isso significa que há rapidez no acesso das palavras de alta frequência, uma vez que são armazenadas na memória e a sua periodicidade conduz ao fortalecimento representacional.

Essa facilidade no acesso faz com que as palavras de alta frequência tendam a números menores de regularizações do que as palavras de baixa frequência. Tal fato conduz ao estranhamento do falante quando escuta formas de alta frequência sendo regularizadas, como em *fazi* e *sabo*.

É essa facilidade que conduz aos processos analógicos nas derivações, flexões, e já no campo da fonologia, como ocorre no corpus, analogia de tonicidade. Desse modo, teríamos teias lexicais formadas por semelhanças fonológicas.

Portanto, parte das oscilações de tonicidade encontradas no PB são decorrentes da baixa frequência de uso que se utiliza de processos analógicos com palavras de alta frequência para a atribuição acentual.

Essa teoria consegue explicar boa parte das oscilações do corpus, ou seja, as palavras que não possuem a frequência de ocorrência no "A Frequency Dictionary of Portuguese". No entanto, há uma pequena porcentagem do corpus em que a frequência de ocorrência está compreendida no dicionário e que de certa forma não possuiriam uma baixa frequência. Por isso, verificarei a partir de então se essas palavras também podem ser explicadas por esta teoria.

Referências

ARAÚJO, Gabriel de. et al. As Proparoxítonas e o Sistema Acentual do Português. In: O acento em português: abordagens fonológicas. Araújo, Gabriel Antunes de (org). São Paulo: Parábola, 2007.

BISOL, Leda (org). Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999. 2 ed.

BYBEE, Joan L. Phonology and Language Use. Cambridge Studies in Linguistics, 94: 2001.

CAMARA Jr., Joaquim Mattoso. Estrutura da Língua Portuguesa. Petrópolis: Editora Vozes, 2001. 34ª Ed.

DAVIES, Mark. Preto-Bay, Ana. A frequency Dictionary of Portuguese: Core Vocabulary for learners. New York: Routledge, 2008.

FERREIRA NETTO, Waldemar. Introdução à fonologia da Língua Portuguesa. São Paulo: Hedra, 2001.

LEE, Seung-Hwa (1995). Morfologia e Fonologia Lexical do Português do Brasil. Tese de Doutorado. Campinas: Universidade Estadual de Campinas.